

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

A CENTRALIDADE DA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE COORDENADORES DO GRUPO COMUNITÁRIO DE SAÚDE MENTAL

Danillo Lisboa, Carmen Lucia Cardoso

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12253>

Submetido em: 2025-06-13

Postado em: 2025-07-16 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

A CENTRALIDADE DA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE COORDENADORES DO GRUPO COMUNITÁRIO DE SAÚDE MENTAL

DANILLO LISBOA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2902-3006>

<lisboadanillo@gmail.com>

CARMEN LUCIA CARDOSO²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8422-8453>

<carmen@ffclrp.usp.br>

¹ Universidade de São Paulo (FFCLRP). Ribeirão Preto, São Paulo (SP), Brasil.

² Universidade de São Paulo (FFCLRP). Ribeirão Preto, São Paulo (SP), Brasil

RESUMO: O dispositivo clínico das práticas grupais tem se revelado uma alternativa qualificada na transformação de subjetividades e na proposição de novas estratégias assistenciais em saúde mental. Neste contexto, o Programa Grupo Comunitário de Saúde Mental, ao desenvolver metodologias voltadas para um exercício pessoal e continuado de atenção às próprias experiências, vem se consolidando como uma contribuição original para o trabalho com grupos no âmbito da saúde mental e formação da pessoa. Este programa realiza um curso de Formação de Coordenadores do Grupo Comunitário de Saúde Mental (FCGCSM) visando instrumentalizar profissionais na utilização desse método. O objetivo deste estudo foi compreender, a partir da ótica dos estudantes que concluíram o curso, as vivências presentes nessa formação e, mais especificamente, investigar o fenômeno formativo, sua constituição, efeitos e composição pela perspectiva dos seus egressos. O corpus da pesquisa foi constituído por quatorze entrevistas abertas, online, vídeo gravadas e transcritas na íntegra. O referencial teórico, epistemológico e metodológico utilizado foi a fenomenologia clássica. Na análise compreensiva, cada material foi considerado individualmente e, posteriormente, relacionado ao conjunto das entrevistas. Essa abordagem permitiu identificar a estruturação pedagógica da FCCGSM como sendo centrada na experiência, o que sugere colaborar para a revitalização de uma abordagem humanística no cuidado em saúde mental. O estudo também contribui para o conhecimento de novas metodologias de ensino, aprendizagem e formação pessoal-profissional para o trabalho grupal na área da saúde mental.

Palavras-chave: grupo comunitário de saúde mental, formação da pessoa, fenomenologia, grupo.

THE CENTRALITY OF EXPERIENCE IN THE FORMATION OF COORDINATORS OF THE COMMUNITY MENTAL HEALTH GROUP

ABSTRACT: The clinical framework of group practices has proven to be a qualified alternative in transforming subjectivities and proposing new care strategies in mental health. In this context, the Community Mental Health Group Program, by developing methodologies aimed at a personal and continuous exercise of attention to one's own experiences, has been consolidating itself as an original contribution to group work in the field of mental health and personal development. This program offers a Community Mental Health Group Coordinator Training Course (FCGCSM) aiming to equip professionals in the use of this method. The objective of this study was to understand, from the perspective of students who completed the course, the experiences present in this training, and more specifically, to investigate the formative phenomenon, its constitution, effects, and composition from the

perspective of its graduates. The research corpus consisted of fourteen open, online, video-recorded, and fully transcribed interviews. The theoretical, epistemological, and methodological framework used was classical phenomenology. In the comprehensive analysis, each material was considered individually and then related to the set of interviews. This approach allowed the identification of the pedagogical structuring of the FCCGSM as being centered on experience, which suggests contributing to the revitalization of a humanistic approach in mental health care. The study also contributes to the knowledge of new methodologies for teaching, learning, and personal-professional training for group work in the field of mental health.

Keywords: community mental health group, personal formation, phenomenology, group.

LA CENTRALIDAD DE LA EXPERIENCIA EN LA FORMACIÓN DE COORDINADORES DEL GRUPO COMUNITARIO DE SALUD MENTAL

RESUMEN: El dispositivo clínico de las prácticas grupales se ha revelado como una alternativa cualificada en la transformación de subjetividades y en la proposición de nuevas estrategias asistenciales en salud mental. En este contexto, el Programa Grupo Comunitario de Salud Mental, al desarrollar metodologías orientadas a un ejercicio personal y continuo de atención a las propias experiencias, se ha consolidado como una contribución original para el trabajo con grupos en el ámbito de la salud mental y la formación personal. Este programa realiza un curso de Formación de Coordinadores del Grupo Comunitario de Salud Mental (FCGCSM) con el objetivo de capacitar a los profesionales en el uso de este método. El objetivo de este estudio fue comprender, desde la perspectiva de los estudiantes que concluyeron el curso, las experiencias presentes en esta formación y, más específicamente, investigar el fenómeno formativo, su constitución, efectos y composición desde la perspectiva de sus egresados. El corpus de la investigación estuvo constituido por catorce entrevistas abiertas, en línea, grabadas en vídeo y transcritas en su totalidad. El marco teórico, epistemológico y metodológico utilizado fue la fenomenología clásica. En el análisis comprensivo, cada material fue considerado individualmente y, posteriormente, relacionado con el conjunto de las entrevistas. Este enfoque permitió identificar la estructuración pedagógica de la FCCGSM como centrada en la experiencia, lo que sugiere colaborar en la revitalización de un enfoque humanístico en el cuidado de la salud mental. El estudio también contribuye al conocimiento de nuevas metodologías de enseñanza, aprendizaje y formación personal-profesional para el trabajo grupal en el área de la salud mental.

Palabras clave: grupo comunitario de salud mental, formación de la persona, fenomenología, grupo.

INTRODUÇÃO

As questões relacionadas à saúde mental estão em destaque na atualidade, exigindo novas ações e considerações por parte de profissionais, governos, instituições e comunidades. Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021), considera o cuidado grupal-comunitário como parte fundamental de um sistema de saúde mental abrangente e eficaz, recomendando aos países que desenvolvam estratégias de prevenção, identificação precoce, tratamento e reabilitação de transtornos mentais em nível comunitário. Desse modo, o cuidado grupal e comunitário, visto a partir de uma abordagem holística e centrada na pessoa, visa fortalecer os laços sociais, oferecer apoio emocional e prático, e facilitar o acesso a serviços de saúde mental de qualidade dentro do contexto local.

O desenvolvimento de práticas comunitárias para o cuidado em saúde mental no Brasil tem uma relação direta com as políticas públicas voltadas à saúde mental e à atenção psicossocial desenvolvidas no país no final do século XX. Essas políticas tornaram-se pilares para novas abordagens e tratamentos em saúde mental no contexto nacional, fenômeno que contribuiu para a ampliação do uso do dispositivo clínico das práticas grupais (Brasil, 1986, 2010).

A construção de tais políticas no Brasil se deu em relação direta com os movimentos das Reformas Sanitária e Psiquiátrica e, portanto, com a construção do Estado Democrático de Direito (Amarante & Nunes, 2018). Nesse contexto, ao enfatizar a cidadania do “louco”, o movimento pela Reforma Psiquiátrica passou a reivindicar os direitos do paciente em sofrimento mental e a reformulação do modelo clássico de tratamento nesse campo, visando substituir o paradigma psiquiátrico centrado no hospital por paradigmas que buscam a construção de oferta de serviços diversificados, comunitários e participativos (Amarante & Nunes, 2018; Delgado, 2020; Frateschi & Cardoso, 2023).

Dessa forma, a Reforma Psiquiátrica promoveu mudanças na área da saúde mental, abrangendo principalmente fatores técnico-assistenciais e epistemológico-culturais, no sentido de redimensionar a compreensão em relação ao sofrimento mental. Esse cenário de transformações favoreceu e demandou dos profissionais envolvidos na área da saúde mental a realização de novas práticas, mais amplas e desvinculadas de um modelo tecnicista, sendo que as práticas grupais ganharam destaque para atingir tal fim (Rasera & Godoy, 2010).

Entre as práticas grupais e comunitárias oriundas deste período, encontram-se as ações desenvolvidas pelo Programa Grupo Comunitário de Saúde Mental (PGCSM), originário no contexto brasileiro em 1997. Este programa desenvolve suas atividades com a proposta de um exercício pessoal e continuado de atenção às próprias experiências, de forma articulada a um conjunto de práticas grupais. Assim, o programa se caracteriza como uma iniciativa original e consolidada no trabalho com grupos no campo da saúde mental e na formação da pessoa. Desde o seu nascimento, essa modalidade de intervenção grupal vem consolidando uma vasta experiência clínica, aliada à fundamentação metodológica, teórica e à sistematização de dados de pesquisa, tornando possível, além do amadurecimento metodológico, o desenvolvimento de um curso de formação para coordenadores do Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM), visando instrumentalizar profissionais para desempenhar a coordenação dos grupos (Mínare & Cardoso, 2023; Prado, 2022).

O PGCSM tem na dimensão comunitária um dos seus principais pilares de construção e atuação. Seus autores apontam que “o ser humano possui ontologicamente uma abertura para si mesmo, para o outro e para o mundo”, e as propostas do programa se baseiam em “estar com pessoas” que se reconheçam como tal em uma abertura relacional recíproca, que se revela interconstitutiva e de formação do ser humano (Ishara & Cardoso, 2013, p. 34).

O Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM), especificamente, se caracteriza como a atividade originária de um conjunto de outras ações e práticas que hoje compõem o PGCSM, a saber: oficinas de experiências, escola comunitária, sarau comunitário, simpósios nacionais e internacionais, encontros comunitários anuais, pesquisas científicas, cooperativa e curso de formação de coordenadores dessa modalidade de trabalho grupal em saúde mental.

As sessões grupais do GCSM têm duração de uma hora, organizadas em rodas de conversas e mediadas por um coordenador com formação específica para a condução dessa modalidade grupal. Os grupos são abertos e têm como tarefa principal favorecer a relação da pessoa com a realidade através do reconhecimento e compartilhamento de experiências de vida que se dão através dos acontecimentos cotidianos. Esse contexto contribui para uma maior sensibilidade e uma disponibilidade reflexiva entre os participantes, favorecendo uma postura de abertura à realidade (Ishara & Cardoso, 2013; Prado, 2022).

Em termos metodológicos, cada encontro do GCSM é dividido em três momentos específicos, ou seja, sarau, compartilhamento de experiências e etapa reflexiva. O primeiro momento visa favorecer o reconhecimento do encontro que cada participante experimenta em sua relação com o mundo da cultura. Assim, são compartilhados músicas, poesias, filmes, livros, entre outros elementos culturais que ajudam a pessoa a reconhecer o seu próprio acontecimento no mundo. No segundo momento, as experiências são compartilhadas com base nos acontecimentos cotidianos, onde a pessoa se percebe em meio aos acontecimentos que pessoalmente a impactam. Já no terceiro momento, denominado etapa reflexiva, os participantes elaboram as experiências vividas no encontro, comunicando aos presentes as ressonâncias pessoais observadas e colhidas no processo grupal (Ishara & Cardoso, 2013).

Entre as características que constituem o GCSM, destacam-se a horizontalidade estabelecida entre os participantes através do compartilhamento de experiências, a postura mediadora do coordenador e o caráter aberto e heterogêneo na composição dos participantes, de modo que o grupo mantém uma

abertura à participação de diferentes pessoas interessadas na atividade. Nesse sentido, cada grupo é único, sem continuidade entre as sessões, e pode, assim, sofrer variações entre seus participantes, mas a postura de atenção às experiências cotidianas e a estrutura metodológica são mantidas (Prado, 2022). Ao convidar o participante a integrar o grupo a partir de um lugar de protagonismo, ou seja, daquele que pessoalmente vive experiências, o GCSM contribui para o estabelecimento de um sentido comum inerente a todos que vivenciam o processo grupal: pessoas disponíveis e capazes de compartilhar uma experiência (Rocha & Cardoso, 2017).

De acordo com Rocha (2015) e Prado (2022), na perspectiva do GCSM, o coordenador figura com o papel de mediador, tendo como função descrever e explicitar a tarefa grupal e suas etapas, levando em conta a singularidade das experiências e o processo grupal. No GCSM, em geral, o coordenador introduz a proposta de trabalho ao grupo, acolhe os participantes e os localiza em relação à tarefa grupal, centrando suas ações em acolher e explicitar o acontecer da experiência e da pessoa em uma perspectiva mais descritiva e não hermenêutica (Ishara & Cardoso, 2013).

A cada etapa do GCSM, o coordenador convida os participantes a um exercício de aproximação, elaboração e aproveitamento das experiências compartilhadas e ouvidas, com base numa atitude de atenção e empenho com a própria vida (Ishara & Cardoso, 2013; Prado, 2022). Diante do exposto, pode-se verificar que a coordenação do GCSM demanda dos profissionais disponíveis para tanto, além do conhecimento técnico-metodológico da condução do grupo, uma apropriação pessoal de um novo modelo de cuidado em saúde mental, alinhado aos princípios da Reforma Psiquiátrica e coerente com a promoção de relações mais horizontais entre usuários, pacientes, familiares, profissionais e demais participantes.

Para estar em consonância com os princípios presentes nessa modalidade de intervenção grupal, a formação dos coordenadores do GCSM envolve uma reorientação do paradigma de formação profissional em saúde. Compreender esses elementos de forma mais aprofundada é crucial para ampliar e enriquecer as oportunidades de formação profissional no país, especialmente para o trabalho com grupos no âmbito da saúde mental.

Em estudo com profissionais, residentes e estudantes que participaram de atividades do PGCSM, Pinheiro e Cardoso (2023) observaram que a metodologia do GCSM enriqueceu a formação profissional, permitindo uma exploração mais abrangente da prática em saúde em diversas dimensões: objetiva, subjetiva, emocional e relacional. Nesse contexto, as autoras apontam que a vivência e apropriação da proposta do GCSM contribuem para uma ampliação nos modos de produzir cuidado em saúde/saúde mental, haja vista a perspectiva de um cuidado mais relacional, intersubjetivo e comunitário.

Neste contexto, visando a ampliação do uso do dispositivo clínico do GCSM, os autores do PCGCSM desenvolveram o curso de Formação de Coordenadores do GCSM (FCGCSM), tema central deste trabalho. Esse curso é caracterizado como vivencial, teórico e centrado na experiência, com objetivo de instrumentalizar o estudante para a coordenação de GCSM. Para tanto, o curso se propõe, através de sua estruturação pedagógica, auxiliar o estudante a desenvolver uma postura de abertura às experiências humanas que se desvelam a partir de acontecimentos cotidianos e requerem do coordenador uma atenção interessada, não se limitando, portanto, apenas aos aspectos técnicos. Desse modo, o curso de FCGCSM busca ser um espaço que favoreça ao estudante/profissional: a aprendizagem técnica da coordenação, a atenção, o reconhecimento e o compartilhamento de experiências e, ainda, o cuidado com a própria saúde mental em uma prática de ensino-aprendizagem que abarca as dimensões da pessoa em conexão com a realidade comunitária e social.

O objetivo geral do curso é promover uma aprendizagem vivencial e teórica, educando o estudante para um contato consigo mesmo através da atenção às experiências cotidianas e instrumentalizando-o para a condução dos GCSM. Assim, o curso visa alcançar os seguintes objetivos específicos: a) favorecer a compreensão do funcionamento do PGCSM; b) promover a vivência do GCSM; c) descrever o contexto histórico e o processo de desenvolvimento da atividade; d) orientar os estudantes sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da proposta; e) promover a compreensão e a experiência de coordenação supervisionada da atividade. O curso inclui, enquanto estrutura de funcionamento, a participação nos GCSM, aulas teóricas presenciais, híbridas ou online, grupos de discussão, atividades de estudos como leituras e resenhas, monitoramentos de aprendizagens,

participação nos GCSM e no Encontro Comunitário Anual, coordenação e supervisão de GCSM, e procedimentos de avaliação.

As contribuições que o trabalho do PGCSM têm ofertado no contexto da saúde mental, as pesquisas originárias dessa prática de trabalho, bem como o desenvolvimento do curso de FCGCSM, incentivaram a realização desta pesquisa. Assim, na análise das vivências presentes nessa formação, espera-se identificar elementos que favoreçam a formação de recursos humanos para o trabalho no campo da saúde mental e, desse modo, contribuam para ampliar a compreensão dos desafios envolvidos na construção de uma formação humanística e implicada com o uso do dispositivo clínico de práticas grupais e comunitárias, dada a sua relevância para o desenvolvimento da saúde pública no Brasil.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi orientada pelos preceitos epistemológicos e filosóficos da Fenomenologia Clássica, delineados por Edmund Husserl e Edith Stein. Com o objetivo de acessar a vivência dos participantes diante da questão em estudo, foi adotado o princípio fenomenológico que estabelece a epoché, ou seja, a suspensão dos saberes, crenças e impressões prévias em relação ao fenômeno que se pretende investigar. Busca-se, assim, olhar para o objeto investigado abstendo-se de julgamentos e permitindo que as coisas se manifestem como são, tal como aparecem à consciência. Dessa maneira, foi possível alcançar a postura preconizada por Husserl (1958/2006) conhecida como redução fenomenológica, que possibilitou uma interação direta com o fenômeno conforme o seu aparecimento através dos relatos dos participantes da pesquisa.

Nesse contexto, a orientação fenomenológica promoveu uma alteração epistemológica ao priorizar a subjetividade na compreensão do conhecimento objetivo, a fim de adentrar a análise eidética e indicar aquilo que é essencial ao fenômeno, ou seja, qual é o seu sentido. O objetivo dessa fase de investigação foi alcançar a síntese dos significados psicológicos que permitisse formular possíveis expressões conceituais, generalizações e compreensões intersubjetivas (Barreira, 2017; Giorgi & D. Sousa, 2010; Mortari, 2022).

Participaram deste estudo quatorze profissionais da área de saúde, sendo nove psicólogos, três psiquiatras, um médico de família e uma enfermeira. Os critérios de inclusão foram: 1) ter 18 anos ou mais; 2) concordar em participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 3) ter concluído o curso de formação de coordenadores do GCSM; 4) ter acesso disponível à internet e a plataformas digitais para realização de entrevista no formato online.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 30187320.0.0000.5407), e cumpriu todos os procedimentos éticos. Vale ressaltar que as identidades dos participantes foram preservadas e foram utilizados nomes fictícios.

O corpus do estudo foi constituído por meio da realização e transcrição de entrevistas, não estruturadas, realizadas no formato online e vídeo gravadas, através da plataforma Google Meet, que tiveram como mote a vivência das pessoas no curso de formação para a coordenação do Grupo Comunitário de Saúde Mental. Foi constituído um diário de campo para o registro das experiências do investigador, bem como das sutilezas, impressões e percepções em meio ao processo investigativo, servindo também para documentar o contexto, as interações e os pensamentos pessoais com vistas a auxiliar na interpretação e análise dos dados.

Na análise do corpus da pesquisa, visando resguardar fidelidade aos relatos dos participantes e, valendo-se das contribuições de Barreira (2017), Barreira e Ranieri (2013), Mortari (2022) e Rocha e Cardoso (2023), os passos dessa fase envolveram: a) Pré-análise – foi realizada a transcrição, a conferência, e a primeira leitura das entrevistas realizadas; b) Primeiro nível de análise – foram realizadas leituras atentas das transcrições e dos registros do caderno de campo, a fim de identificar os principais temas; c) Segundo nível de análise – procedeu-se à elaboração de descrição sintética das vivências relatadas pelos participantes, visando aproximar o leitor da sequência de ideias apresentadas pelos participantes da pesquisa e que fundamentaram a construção posterior das unidades de sentidos; d) Terceiro nível de análise – foi dada atenção individualizada a cada entrevista, e foram recortadas as principais experiências vividas na FCGCSM; e) Quarto nível de análise – passa-se da singularidade de cada experiência à generalidade da experiência tematizada. Nessa fase, vale-se ainda da contribuição de

Barreira e Ranieri (2013), que a nomeiam como Cruzamento Intencional. Para os autores, o propósito dessa fase é aproximar em conjunto os relatos das diferentes entrevistas, percebendo-as como variações/atualizações de um mesmo fenômeno. Os autores argumentam que, para que se cumpra uma descrição essencial do fenômeno investigado, “entrevistas com diferentes sujeitos devem ser analisadas comparativamente dando à experiência constitutiva do fenômeno oportunidade de revelar seus traços determinantes” (Barreira & Ranieri, 2013, p. 464). No f) Quinto nível de análise, foi realizado um diálogo teórico e conceitual a partir do referencial fenomenológico e do campo psicológico, abrindo um caminho de discussão e compreensão da FCGCSM. O retorno ao conhecimento natural, inicialmente colocado entre parênteses, no último momento da análise, vislumbrou servir como um meio para aprofundar a compreensão do corpus e promover a evolução contínua do entendimento do fenômeno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sentidos apresentados a seguir nos aproximam da compreensão da estruturação pedagógica da FCGCSM, e nos revelam uma constituição intersubjetiva de identificação, verificação e reconhecimento da experiência enquanto elemento central presente no curso e que se desvelou aos estudantes em diferentes momentos. Assim, iniciamos essa análise com o relato do médico Joaquim, que explicita a organização dos encontros do curso:

Geralmente a gente começava com o grupo comunitário, fazendo um grupo comunitário entre nós, aí, depois a gente fazia uma discussão sobre a coordenação do grupo comunitário, né, sendo que cada grupo era algum dos participantes do curso que coordenava junto com o José [coordenador do curso], né. E aí depois a gente fazia uma discussão da coordenação do grupo, e aí tinha um momento também para fazer uma discussão sobre os textos que tinham sido propostos para aquele encontro. E à tarde geralmente tinha o momento de supervisão sobre as coordenações que estavam sendo realizadas, e às vezes mais um aprofundamento que o José trazia numa maneira de uma apresentação, às vezes dele, às vezes algum convidado que fazia algum aprofundamento. Esse convidado geralmente estava no grupo comunitário, estava na discussão da coordenação, na discussão do texto e depois fazia uma apresentação. (Joaquim, médico).

Nesse contexto, Manoel relata que:

A gente sempre começava com o grupo, né (GCSM), a gente fazia o grupo comunitário lá. Depois a gente analisava tudo que tinha acontecido, a gente analisava quem estava coordenando e tudo mais. A gente sempre numa postura de ajudar, dar dicas e de escutar também quem estava lá, porque é um papel difícil, principalmente acho que quando tem muito espectadores que também tão aprendendo, tão conhecendo e isso pelo menos pra mim, assim, é um pouco desafiador, porque eu tenho essa dificuldade assim, ainda sou um pouco tímido. [...] Depois disso [...] a gente sempre lia algum texto que a gente debatia ou algum material que os professores davam pra gente e depois alguém compartilhava alguma coisa e a gente ia embora. (Manoel, psicólogo).

Manoel reitera que o início das aulas envolvia a vivência prática daquilo que pretendiam apreender a coordenar, ou seja, o GCSM, e ao longo do curso eles participavam tanto como integrantes do grupo quanto como coordenadores em sistema de rodízio. Ele destaca que o segundo momento do encontro não se resumia apenas à “análise da coordenação”, mas era também um momento onde se analisava “tudo que tinha acontecido” no grupo, “quem estava coordenando e tudo mais”, indicando que no segundo momento acontecia também uma reflexão sobre o próprio processo grupal vivido. Desse modo, é possível descrever a divisão de cada encontro do curso de FCGCSM a partir de cinco momentos basilares, sendo:

1º Momento – Grupo Comunitário de Saúde Mental: onde os alunos vivenciavam o GCSM como participantes. E a cada encontro do curso um dos estudantes era responsável por coordenar a prática junto com o professor coordenador.

2º Momento – Análise da coordenação e do processo grupal: após a vivência do GCSM, os alunos discutiam aspectos relacionados ao processo grupal vivido e à coordenação do dia, sendo possível

fazer associações e aprofundamentos a partir do próprio acontecimento grupal, indicando um processo de aprendizagem prática da metodologia de trabalho proposta.

3º momento – Discussão teórica: a partir de referências previamente indicadas para cada encontro, os alunos eram conduzidos a refletir, teoricamente, acerca das vivências experimentadas nos momentos precedentes a esta fase.

4º Momento – Supervisões das coordenações em andamento: neste momento aconteciam supervisões das coordenações de GCSM conduzidas pelos alunos em seus contextos de atuação.

5º Momento – Aprofundamentos e sínteses: no último momento, aconteciam aprofundamentos teórico-reflexivos, muitas vezes em forma de “apresentações”, tanto conduzidos pelo professor coordenador, como pelos alunos ou convidados. Quando o convidado era externo, o mesmo participava integralmente do conjunto de ações que ocorriam no encontro.

Considerando tal estruturação, pode-se apreender que os diferentes momentos presentes nas aulas da FCGCSM guardavam relação entre si em um conjunto de ações que se iniciava pela vivência prática do método a ser apreendido, seguia pela reflexão sobre as repercussões pessoais e grupais, continuava com a reflexão técnico-teórica e, com o avançar do curso, culminava na supervisão da execução do método apreendido e aplicado pelos próprios alunos em seus contextos de atuação. Esse modo de organização pedagógica, estruturada do vivencial ao teórico, dialoga com a perspectiva formativa descrita por Mortari (2006), que aponta que o saber teórico que se constrói a partir do interno de uma prática é a condição necessária para que o aprendiz se torne protagonista de suas ações e capaz de um pensamento reflexivo diante das ações que desenvolve. A autora ressalta que, quando os profissionais não têm a oportunidade de elaborar reflexivamente uma teoria a partir de sua própria experiência, considerando a realidade daquilo vivenciam, tendem a se tornar profissionais dependentes de “especialistas” e de ideias prontas, elaboradas em outros contextos e muitas vezes distantes de suas realidades. Sendo assim, a própria formação recebida nesses contextos tenderia a reduzir a prática profissional a uma mera aplicação de técnicas e, conseqüentemente, ao achatamento do pensamento a uma lógica instrumental.

Em meio às formações que consideram a experiência do discente, Mortari (2006) destaca que estas contribuem para a ampliação dos sentidos da aprendizagem e do próprio fazer profissional e favorecem o contínuo aperfeiçoamento das práticas:

O tipo de teoria vislumbrada aqui (na formação reflexiva) não é um conjunto de conhecimento reunido em uma ordem logicamente estruturada, mas um conhecimento adquirido reflexivamente que encontra seu valor ao causar melhorias contínuas na prática. Quando, por outro lado, a teoria carece de raízes na experiência, então ela se revela um discurso que soa vazio, incapaz de constituir-se como horizonte de sentido para a práxis. (Mortari, 2006, p. 165, tradução nossa).

Ao adotar como ponto de partida a vivência do aluno diante do próprio método a ser apreendido, a FCGCSM parece promover um modo de produção de conhecimento que não se centra exclusivamente na aquisição de uma teoria ou técnica, uma vez que se fundamenta em um contínuo convite ao discente à reflexividade nos diferentes momentos do percurso formativo. Assim, a possibilidade de poder vivenciar, na prática, aquilo que pretendiam apreender enquanto estudantes, culminou, segundo os estudantes, em vivências significativas para os próprios formandos, como pode ser observado no trecho a seguir:

Eu acho que isso foi algo que eu vi bem bacana. A gente primeiro experimentou, né, assim, a gente primeiro aprendeu a receita em nós mesmos, a gente fez o bolo pra depois a gente ir lá poder oferecer o bolo, vamos dizer assim. E foi legal, tinha muitas pessoas na nossa formação que não tinham participado efetivamente de um grupo, só tinham ouvido falar, então elas foram aprendendo na prática e vivendo isso. E aí eu acho que isso também traz uma grande mudança para nossa vida pessoal, porque, é..., todo dia você passa a olhar para suas experiências, você passa a se ver. (Marina, psicóloga).

Marina considera a estruturação do curso como facilitadora de sua aprendizagem, uma vez que pode, inicialmente, apreender pessoalmente o método para depois propô-lo como método de

trabalho, sendo que essa estruturação, segundo a discente, favorecia inclusive quem não conhecia previamente a metodologia a ser ensinada no curso. Na comunicação de Marina, é possível observar que essa vivência foi se tornando um elemento motivador para o aprofundamento da compreensão teórico-metodológica do conteúdo proposto no curso, com consequências em sua vida pessoal, permitindo-lhe olhar para suas próprias experiências e “se ver”.

O alcance dessa “grande mudança para nossa vida pessoal”, conforme destacado por Marina, que permite que a pessoa reconheça a si mesma a partir das próprias experiências, é um elemento que indica também a potencialidade da experiência mesma para a transformação de subjetividades e formação de recursos humanos. Larrosa (2017) aponta que o excesso de informações, o excesso de opiniões, a falta de tempo e o excesso de trabalho, característicos da atualidade, têm provocado na sociedade moderna uma desapropriação da capacidade humana de dar-se conta das coisas que lhe acontecem, ficando o ser humano exposto a uma falta de sentidos diante das coisas. O que também acontece no campo da formação profissional. Para o autor, a experiência necessariamente envolve a subjetividade de cada pessoa, e a lógica de funcionamento social vigente tem contribuído diretamente para o aniquilamento da experiência. Assim, o autor aponta:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo está organizado para que nada nos aconteça. (Larrosa, 2017, p. 18).

O autor se refere à experiência como aquilo que “nos passa”, ou seja, enfatiza a dimensão pessoal, subjetiva e singular de quem vive pessoalmente a experiência para que ela seja revelada. Nessa perspectiva, não basta aderir a um discurso pronto sobre o que uma coisa é, pois se faz necessário revelar os sentidos próprios que a coisa desperta em si a partir de uma relação entre a pessoa, propriamente dita, e a coisa mesma. Assim, desvela-se o caráter relacional existente entre o próprio sujeito e o mundo, uma vez que uma coisa só pode ser revelada se houver uma consciência e subjetividade que a capta. Nesse sentido, a FCGCSM parece propor uma não conformação ao já sabido e uma constante abertura para compreender os fenômenos que se apresentam no contexto do curso. Desse modo, evita-se a redução dos fenômenos, ou seja, evita-se uma compreensão antecipada do que são as coisas que poderia culminar em rotulações, preconceções e pré-juízos, com vistas a preservar as singularidades de seus aparecimentos conforme se dão à subjetividade e à consciência que os apreende, tornando a experiência um eixo direcionador fundamental da FCGCSM.

Neste contexto, Francisco, psicólogo, faz a seguinte comunicação:

Eu acho que a proposta (da FCGCSM) tem a ver com o quanto que a gente pode utilizar das nossas experiências cotidianas como uma forma de aprendizado, um aprendizado vivencial né, um aprendizado que vai muito além do racional e do lógico e o quanto que esse refletir, prestar atenção, fazer experiência, dar sentido para essas experiências podem promover um fortalecimento da nossa capacidade de lidar com as situações do cotidiano. Então é quase como se fosse, a meu ver, um exercício mesmo, de você se fortalecer na sua capacidade de aprender com a experiência e de você ter mais recursos pra lidar com os desafios do cotidiano. (Francisco, psicólogo).

Francisco destaca, em seu relato, que no curso houve um exercício de fortalecimento da “capacidade de aprender com a experiência”, indicando que esse modo de fazer uma formação profissional, ancorada em uma aprendizagem vivencial que exige reflexão, atenção e doação de sentidos aos fenômenos vividos, ampliou os seus recursos pessoais para lidar com situações do seu cotidiano. O entrevistado ressalta o lugar privilegiado da experiência na FCGCSM para a construção do conhecimento e indica que estse modo de produzir conhecimento, por ser vivencial, amplia as possibilidades de conhecer os fenômenos e intervir. Ishara e Cardoso (2013), ao descreverem os aspectos fundamentais do método do GCSM, apontam que, entre os seus preceitos, encontra-se a necessidade do desenvolvimento de uma postura de atenção à vida cotidiana para que as experiências sejam elaboradas por quem as vive. Assim, pode-se inferir que a FCGCSM preservou em sua estruturação elementos presentes no próprio

Grupo Comunitário de Saúde Mental, ampliando as contribuições desta metodologia grupal para o campo da formação profissional.

Glória se refere à estrutura da FCGCSM e afirma que:

Eu acho que foi muito bom assim, a estrutura. Facilitava essa coisa do vivencial sabe, de vivenciar o grupo comunitário, que nem eu tô te falando. Foi muito intenso para mim porque eu vivia o grupo comunitário, acho que o vivencial é muito importante no curso de formação sabe, assim a partir do grupo comunitário mesmo. Porque só as leituras... por exemplo, só a parte teórica não consegue alcançar aquilo que a gente vive no grupo. E agora também só viver o grupo sem as leituras para o coordenador, por exemplo, a gente também não consegue alcançar, me parece sabe, que é uma coisa assim, então por isso que eu achei que a estrutura foi muito boa nesse sentido. (Glória, psicóloga).

Gloria aponta que a FCGCSM, ao iniciar com a parte vivencial através da participação no GCSM, lhe permitiu perceber uma complementariedade entre as partes existentes no curso (teoria e prática) que favoreceram o aprendizado. Vale ressaltar que, ao identificar que a FCGCSM leva em consideração a experiência pessoal, poderia haver uma impressão de que a parte teórica-conceitual estaria em segundo plano, devido à influência dualista, de uma coisa ou outra, que comumente repercute sobre os modos de construção do conhecimento. No entanto, o relato de Glória aponta que o curso apresenta uma confluência entre a parte experiencial e a parte teórica, que se somam e se complementam. Neste contexto, Mortari (2003) aponta que esses modos de construções, que consideram a experiência, são capazes de dar melhores formas às ações e, assim, subsidiar boas práticas:

As boas práticas implicam, por outro lado, a idealização e a projeção a partir da experiência vivida e, portanto, uma contribuição subjetiva que permite a construção de um saber experiencial. Para ser eficaz, a prática deve ser iluminada por uma teoria elaborada a partir da própria prática. Neste caso, falamos de “práxis”, ou seja, uma ação prática iluminada por uma teoria construída no contexto da ação. (Mortari, 2003, p. 13, tradução nossa).

De acordo com a autora, a teoria que nasce do contato com a realidade, confrontando-se com elementos reais, que se dão em meio ao fazer cotidiano, possibilita uma atuação reflexiva (práxis) que provoca o profissional a refletir constantemente sobre os sentidos do seu próprio fazer. No contexto da FCGCSM, o relato de Cecília, enfermeira, dá visibilidade a esse tipo de formação:

Eu achei o método (da FCGCSM) muito interessante porque ele é... sempre a gente fala que o conteúdo é teórico-prático, eu acho que o método é diferente, ele é prático-teórico, vem na frente o prático e depois vem a teoria. E uma teoria que é construída, que é construída continuamente, não é uma coisa engessada. (Cecília, enfermeira).

Cecília ressalta uma diferença na estrutura da FCGCSM, em relação a outras formações. E diz que o método presente na FCGCSM é “prático-teórico”, pois “vem na frente o prático e depois vem a teoria”, aproximando-nos de uma compreensão da FCGCSM como sendo uma formação vivencial - teórica. A entrevistada aponta, ainda, que este modo de aproximar o aluno da teoria faz com que a própria teoria não se torne “engessada”, ou seja, estática, pois, ao partir da experiência prática, torna-se necessário que a reflexão teórica seja “construída continuamente”, indicando uma forma de produção do conhecimento mais participativa, fluida e dialógica em relação às contribuições filosóficas, teóricas e técnicas.

Segundo Mortari (2006) as formações que consideram a capacidade de pensamento e reflexão dos estudantes são raras, e o modelo fenomenológico se mostra apropriado para este fim, tendo em vista que este modelo não pretende, a priori, estabelecer uma verdade absoluta sobre os diferentes fenômenos, mas sim compreender seus diferentes modos de aparecimento, levando o estudante a um constante exame crítico de sua experiência em meio aos fenômenos cotidianos com os quais se depara e se dedica.

Mortari (2003) afirma que:

Valorizar o conhecimento que vem da experiência não implica renunciar ao confronto com a teoria, mas construí-lo com base em outros pressupostos: pondo de lado a ideia de que a prática

é apenas o campo de aplicação da teoria, mas também aquela segundo a qual a prática é autossuficiente e não necessita da teoria, trata-se de conceber o conhecimento como sendo elaborável com base em um diálogo recursivo entre o trabalho de problematização teórica e a análise da experiência. (Mortari, 2003, pp. 13-14, tradução nossa).

Nessa linha de pensamento, os paradigmas de formação profissional ancorados em um saber sistematizado a partir regras gerais para a atuação são questionados, uma vez que, no cotidiano da atuação, os profissionais são expostos frequentemente a situações que não são contempladas pelas teorias, exigindo-lhes criatividade e capacidade reflexiva para analisar os fenômenos e encontrar soluções eficazes e singulares diante das realidades a que são expostos. Mortari (2003) aponta a necessidade de superação da divisão cartesiana presente na cultura que tende a sobrepôr uma dimensão à outra, e propõe um modo de interação com os fenômenos do campo profissional de modo mais relacional, que acople em si, com maior unidade, teoria, prática, experiência e realidade na complexidade que lhe são próprias.

João, psicólogo, ao se referir ao curso de formação de coordenadores, diz:

O que eu acho que tem muito a ver com o grupo também, que é você se deixar impactar pelo que está acontecendo ali na hora. Esse impacto como uma abertura, como uma coisa que te facilita a se abrir para o que está acontecendo ali [...] é claro, né, Danilo, eu estou falando do aspecto subjetivo, eu sei que tem a teoria depois e a necessidade de responder teoricamente. Mas essa não é a primeira coisa. Não é a primeira coisa que me moveu e não é a primeira coisa que eu encontrei quando eu vou lá fazer a formação. Tanto que tem os momentos muito separados assim, né, tem o José [coordenador do curso] elaborando ali um pouco o que aconteceu, depois tem a Letícia [coordenadora do curso], Edith Stein [teórica] com a teoria, o próprio José, mas, são momentos distintos assim, né, e que aí um faz sentido porque o outro vem primeiro, né? (João, psicólogo).

Na comunicação de João, os “momentos distintos” entre vivência prática e teoria existentes na formação parecem provocar o estudante a “se deixar impactar pelo que está acontecendo” e, assim, acompanhar a própria experiência vivida em meio ao seu percurso de aprendizagem, favorecendo um sentido formativo do curso e reforçando as noções de complementariedade e soma entre os diferentes momentos da formação. Marina, psicóloga, aponta em seu relato como a formação se estruturou e como os alunos eram provocados a refletirem sobre suas próprias experiências em meio aos acontecimentos e conteúdo do curso:

Tinha um encontro por mês, né, era assim em Ribeirão. E aí a gente sempre começava com o grupo comunitário e depois a gente fazia uma reflexão sobre esse grupo [...] não era uma aula, né, do começo, era: “O quê que vocês estão percebendo?”. Eu lembro que o Dr. José [coordenador do curso] sempre fazia essa pergunta: “no grupo de hoje o quê que vocês percebem? O quê que chama a atenção? O quê que vocês acham que tem atrás disso?”, e aí depois é que a gente estudava esses fenômenos, assim, essas coisas que a gente levantava da metodologia do grupo, mas era a partir do grupo. (Marina, psicóloga).

Marina destaca que as reflexões sobre o método e a teoria que fundamentam o trabalho do GCSM aconteciam “a partir do grupo”, ou seja, da parte vivencial que os estudantes experimentavam a cada encontro. A entrevistada destaca que o professor orientador realizava, após a vivência da prática, perguntas abertas cujas respostas deveriam considerar acontecimentos presentes no próprio encontro vivido: “no grupo de hoje o quê que vocês estão percebendo? O quê que chama a atenção?”. Segundo Marina, a partir disso, tornava-se possível identificar elementos existentes na prática e avançar rumo ao estudo teórico e a elaborações generalizáveis desses fenômenos. Tal caracterização aponta, mais uma vez, que a forma de produção de conhecimento presente no curso dialoga com a qualidade do “pensar reflexivo” exposto por Mortari (2003, 2022).

A autora considera este modo de produção de conhecimento como sendo necessário e fundamental ao campo da formação profissional, uma vez que:

[...] pensar é buscar a verdade na experiência; é a capacidade própria da razão de procurar o significado daquilo que acontece e colocá-lo em palavras [...] pensar é ir em busca de um princípio

de ordem, da justa medida do dizer, do sentir e do agir que permite estar no mundo com autonomia. (Mortari, 2003, p. 17, tradução nossa).

Assim, entre os diferenciais formativos presentes na FCGCSM, destaca-se a criação de um lugar para o compartilhamento de experiências singulares alcançadas pelos estudantes no percurso da formação capaz de gerar um espaço comunitário de reflexividade, validação intersubjetiva e reconhecimento das próprias experiências. Dessa forma, tais compartilhamentos de experiências revelam a própria pessoa que as comunica, como é explicitado por João, psicólogo, no trecho: “acho que é uma formação que se dá nesse nível, assim, de que exige que você se coloque ali pessoalmente, não só teoricamente. Não só discursivamente”.

João afirma:

Então eu tenho certeza que o grupo agora de formados, ele é diferente, porque ele tem a cara das pessoas que estão lá. Entende? Eu sei que a minha turma é única, é diferente da anterior, diferente da que veio agora. Porque tem a cara das pessoas que estão lá. Ao mesmo tempo, a gente está falando da mesma coisa. Não é um grupo que é relativista, não, mas ele recebe a contribuição de quem está lá. Sem dúvida. Por isso que é uma formação ativa, não é passiva, né. (João, psicólogo).

Para João, em virtude de a FCGCSM ser uma “formação ativa” que exige que o estudante se coloque ali “pessoalmente”, cada turma terá características próprias e singulares, terá “a cara das pessoas que estão lá” dadas as contribuições individuais de cada estudante que constituirão aquela versão do curso. Desse modo, uma das características da FCGCSM, segundo João, é a unicidade e singularidade de cada turma formada. Ishara & Cardoso (2013), ao analisarem o desenvolvimento do GCSM, cuja metodologia está diretamente relacionada à FCGCSM, apontaram que a comunicação pública de experiências proporcionava a quem as comunicava um aprofundamento e apropriação das próprias vivências e permitia uma interação social a partir de um lugar de potência, como protagonistas de ajuda a outras pessoas. Os autores apontam que:

A exposição de experiências facilitava a comunicação e a empatia, potencializando as trocas interpessoais e as possibilidades de aprendizagem. Os relatos possuíam a força afetiva inerente à vivência pessoal, diferenciando-se das orientações técnicas formais. (Ishara & Cardoso, 2013, p. 23).

Assim, conforme apontado anteriormente, as atividades que compõem o PGCSM têm como foco a atenção às experiências em um sentido amplo, incluindo sua consideração também no contexto da formação profissional. No Grupo Comunitário de Saúde Mental, o foco está nas experiências de vida que se dão no cotidiano, independentemente de onde elas aconteçam e do status social de quem as comunica. Já na Formação de Coordenadores do GCSM, além de contemplar os aspectos já presentes nos Grupos Comunitários, a dimensão da experiência parece ganhar contornos educativos a fim de beneficiar os estudantes também na aprendizagem da técnica da coordenação. Como visto, na primeira parte de cada encontro do curso de formação, no momento da vivência prática, os coordenadores em formação também compartilham suas experiências de vida, dada a sua presença nos próprios GCSM, contudo, nos momentos seguintes do curso, os estudantes continuam sendo convocados a elaborar pessoalmente os sentidos do que estão aprendendo, encontrando no curso um espaço de acolhimento e consideração de suas diversas experiências. Desse modo, a experiência que o estudante faz ao ler um texto, coordenar um grupo e/ou realizar as atividades do curso se tornam oportunidades de viverem experiências de reconhecimento de si mesmo enquanto pessoas e enquanto profissionais em meio aos acontecimentos.

Marina, psicóloga, faz o seguinte relato:

[...] eu acho que quando eu encontrei o grupo, eu acho que é isso, que principalmente, eu encontrei a mim mesma, porque foi como se eu me encontrasse falando: “Isso aqui que eu estou vivendo é a minha verdade”, porque eu acho que em muitos momentos eu não sentia isso no que eu estava trabalhando e no olhar que eu estava tendo, sabe, eu não sentia que aquilo me

contemplava, assim, foi um momento difícil de sustentar pra mim, muito difícil. [...] Hoje eu levanto pra trabalhar e eu me sinto leve. Com cada pessoa que eu encontro, por mais que tenha muito sofrimento, é um olhar diferente. E eu sinto que as próprias pessoas que vêm, sentem isso, sabe, elas saem mais leve daquele encontro, daquela conversa. E aí eu mudei toda a minha vida, né, assim, eu quero trabalhar com grupo, eu não quero mais trabalhar onde eu estou, né, e aí foi toda essa mudança, assim, mas que é um desafio cheio de energia, mas que me traz uma vontade de levantar e fazer muita coisa. Acho que é esse encontro, assim, de falar: “Isso faz sentido, isso sou eu”. (Marina, psicóloga).

Marina refere que ao encontrar a proposta de trabalho apresentada na FCGCSM pode se apropriar de sua “verdade”, indicando que o processo vivido na formação lhe permitiu reconhecer correspondências para a sua atuação profissional, superando um momento de trabalho em que não se reconhecia naquilo que desenvolvia, para adentrar uma fase de reconhecimento e contemplação dos sentidos do seu fazer, destacando que “hoje eu levanto pra trabalhar e me sinto leve”. Marina afirma, ainda, que o curso promoveu mudanças em sua vida, e mesmo identificando desafios nessa modalidade de atuação profissional, a partir da experiência do curso, decidiu trabalhar com grupos, passando a afirmar sentidos e o reconhecimento de si em meio ao seu fazer profissional.

A ampliação do interesse de Marina para trabalhar com grupos, a partir da FCGCSM, ratifica a potencialidade da consideração da experiência para a formação de recursos humanos, especialmente no campo da saúde mental e do trabalho com grupos. Rasesa e Godoy (2010) e J. Sousa et al. (2023) apontaram lacunas na formação para o trabalho com grupos e identificaram a falta de familiaridade de profissionais com as técnicas e com o papel de coordenador diante das práticas grupais, bem como a dificuldade de implantação do atendimento grupal em saúde pública. Em contraposição a esses dados, Marina afirmou que, ao realizar o curso de FCGCSM, pode se reconhecer como pessoa e como profissional e ampliar o desejo de trabalhar com a modalidade grupal.

Desse modo, é possível apreender que, ao preservar a radicalidade da consideração da experiência nos mesmos moldes já identificados no GCSM (Ishara et al., 2013; Pinheiro, 2017; Pinheiro & Cardoso, 2023; Prado, 2022; Rocha, 2015) e ampliar o seu uso para a formação de recursos humanos para a condução do método grupal através da FCGCSM, o Programa Grupo Comunitário de Saúde Mental contribui para a formação de novos profissionais para o trabalho com grupos, favorecendo-lhes a consideração da experiência singular de cada participante em meio ao processo grupal.

Assim, vale destacar que a consideração da experiência presente na FCGCSM representou uma constante nos diferentes momentos do curso. Nesse contexto, a surpresa que parece atravessar os estudantes do curso é o convite que esta formação fez para que os mesmos olhassem os fenômenos que se apresentam no curso não apenas através de novas teorias ou do conhecimento profissional acumulado em anos anteriores de formação, mas a partir da experiência que vivenciavam em primeira pessoa no decorrer do curso, provocando-os a colocar em palavras a singularidade de suas percepções e compreensões diante dos fenômenos vividos, para, depois, refleti-las pelas lentes das teorias e técnicas.

O relato de João explicita alguns dos ganhos do seu percurso na FCGCSM:

Descobrir que eu tenho experiências, o grupo me ajudou nisso, né, descobrir que eu tenho essas experiências cotidianas, eu acho que é a primeira ajuda pessoal, assim, olhar para o cotidiano, é... sem interpor a ele nenhuma, nenhuma, explicação, compreensão ou censura, sabe? [...] Eu acho que o grupo me ajuda a isso, assim, a ficar livre com a experiência que eu faço do mundo, independente de qual seja, sabe? (João, psicólogo).

João faz referência à primeira parte do curso, a participação na prática do GCSM, e relata que pôde ficar livre com a própria experiência que fazia, sem censurá-la ou interpor juízos apriorísticos à mesma, indicando uma convivência de maior abertura consigo mesmo e com o seu modo de apreender o mundo. Nesse sentido, a radicalidade com que a FCGCSM parece considerar a experiência dos estudantes aponta características inovadoras em meio ao campo de formação profissional, o que pode ser observado no relato de Rosa, a seguir:

Então, começar se colocando dentro da experiência é de uma sabedoria, sabe, porque possibilita uma educação acontecendo, né, eu não sou educado a verbalizar, eu sou educado a experienciar.

Eu acho que é muito diferente, né, a olhar para si mesmo, né, e ao mesmo tempo essa possibilidade de ir colhendo uma consciência de si e daquilo que acontece diante de você, né, porque eu acho que o papel do coordenador, ele é desafiador nesse sentido porque ele como alguém humano ali está vivendo, está sendo impactado por uma série de coisas, né, mas para ele também não se perder nessas coisas que ele está vivenciando, ele tem que ter muita clareza e consciência do quê que ele está propondo. (Rosa, psicóloga).

Rosa afirma que o caminho feito pela FCGCSM de colocar o estudante em contato com a experiência se traduz como uma “sabedoria” que educa o discente para não apenas verbalizar, mas “experienciar”. A entrevistada diz, ainda, que o papel de coordenador de grupo não é simples, tendo em vista a diversidade de elementos humanos e de saúde trazidos pelos diferentes participantes e que, dada a natureza humana dessas questões, também incide sobre o coordenador e exige dele uma “clareza e consciência” daquilo que está propondo enquanto método de trabalho e vivenciando como pessoa.

No contexto da FCGCSM, o que aparece reiteradamente é uma provocação ao aluno para reconhecer a própria experiência vivida durante todo o percurso formativo:

Então, acho que essa condução estruturada pelo método que o José [coordenador do curso] foi fazendo, né, de dar um passo até a introdução, de convidar a gente a ter um relacionamento com a cultura, levar alguma coisa de si mesmo, né, depois compartilhar experiências, depois conversar sobre todas essas etapas, né, para dizer o como que foi impactado, como que não foi, depois debruçar sobre os teóricos, né, que foram iluminando essas possibilidades de formas de conceber a experiência humana, o quê que isso tem a ver com a experiência que eu vivi, o quê que não tem. Eu acho que foi de um cuidado, assim, é, que considera essas... considera a subjetividade humana assim de um jeito muito fantástico, sabe? (Rosa, psicóloga).

Em seu relato, Rosa reconhece no cuidado com a experiência dos estudantes do curso, realizado nos diversos momentos dos encontros de formação, o mesmo que considerar a “subjetividade humana”, feito que levava os alunos a buscar pessoalmente compreender “como que foi impactado”, quais as contribuições dos teóricos, quais os sentidos daquilo que era ensinado/vivido/aprendido. Com isso, na consideração da experiência, reconhecida por Rosa como consideração da subjetividade humana, o aluno era colocado em um lugar de protagonista na construção do próprio saber.

Dourado, em seu relato, traduz um sentido semelhante da FCGCSM, introduzindo a ideia de “formação da pessoa”:

[...] a gente vai fazer o grupo comunitário, a gente vai estudar tal texto, a gente vai fazer os monitoramentos de aprendizagem, quer dizer, tem uma preocupação muito grande com a própria formação da pessoa, né, no curso. Isso eu achei uma coisa diferente, assim, né, também não tenho muita experiência com curso, mas eu acho que essa preocupação é talvez uma das coisas mais importantes que eu achei. (Dourado, psiquiatra).

O entrevistado fala dos diferentes momentos do curso, buscando evidenciar que em cada um deles havia uma consideração acerca da experiência do estudante que o colocava numa posição de protagonismo em relação àquilo que era ensinado/aprendido, sendo compreendido pelo mesmo como “uma das coisas mais importantes” de sua formação como coordenador. Desse modo, o olhar para a personalidade de cada estudante vai se revelando como elemento qualificador do curso que traduz uma pré-ocupação específica com a formação da pessoa. Para Stein (1922/1999, 1932/2003), a formação da pessoa é um processo que deve ter como consideração basilar a participação ativa do sujeito em formação e indica que, nesse tipo de formação, deve-se garantir que a pessoa alcance aquilo que lhe é mais necessário: “sensibilidade apurada e juízo perspicaz” (Stein, 1922/1999, p. 144) para que a pessoa seja favorecida a se dar conta do “como” e do “porquê” as coisas lhe afetam.

Nesse sentido, Mortari (2003) aponta que, sem cultivar a atitude do pensamento reflexivo e de consideração da experiência, a atividade prática desenvolvida pelos profissionais se reduz à execução de tarefas mecânicas dentro de uma rotina, feito que distancia o sentido do que se faz da própria consciência, culminando na execução de trabalhos de modo rígido, automatizado e sem sentido. Ainda segundo a autora, entre as exigências fundamentalmente humanas, encontra-se a exigência de

compreender o significado da própria experiência, sendo, portanto, necessária a ação reflexiva, pois, caso contrário, corre-se o risco de uma adesão involuntária a um saber limitado ao senso comum.

Quando nos abstermos de pensar por nós mesmos, a possibilidade de dar forma à nossa própria presença original no lugar onde atuamos perde-se, porque nos limitamos a estar num espaço simbólico anônimo, dentro de mundos de palavras que não nos correspondem. Esta fuga à responsabilidade propriamente humana de pensar o sentido do que é, partindo da busca do próprio lugar de pensar, tem o efeito de nos confinar ao conhecimento do senso comum. (Mortari, 2003, p. 38, tradução nossa).

O espaço criado na FCGCSM, onde os estudantes compartilham suas experiências pessoais na parte prática da formação, e nos demais momentos, favorece e provoca um processo reflexivo sobre o que é experimentado em cada encontro, sendo este feito compreendido como uma característica intencional da formação, cujos efeitos formativos geram um aprofundamento acerca daquilo que é vivido e promovem o reconhecimento de si mesmo. Para conduzir os grupos, Joaquim afirma que a atenção às próprias experiências foi algo fundamental:

[...] eu fui entendendo que a principal tarefa do coordenador é essa atenção primeiro às próprias experiências, sabe, e eu continuo coordenando grupos [...], daí esse empenho aí nessa formação de coordenador me faz também ter mais atenção com minhas próprias experiências, sabe. É é isso, tipo isso... e aí isso é parte do método que eu aprendi no curso. (Joaquim, médico).

Joaquim aponta o critério que considera fundamental para ser um coordenador do GCSM: “atenção primeiro às próprias experiências”, e afirma que apreendeu isso como parte do método exposto no curso.

No trecho a seguir, Dourado, psiquiatra, destaca como aspectos da consideração da experiência presentes na FCGCSM extrapolaram o contexto do curso e repercutiram em sua atuação clínica individual:

[...] eu lembro uma discussão que a gente teve no curso com a Letícia [coordenadora do curso] que eu comecei a entender um pouco melhor a própria questão da, da... eu acho, agora eu não lembro, a gente estava falando alguma coisa da Edith Stein [filósofa], mas eu não lembro o que era, mas é um justamente que tinha essa ideia da perspectiva do ser humano para cada um, e eu lembro que eu estava pensando “poxa, mas o médico não vê isso, né”. O cara não vai falar “olha, fulano é assim, fulano é assado”, ele vai ter uma ideia geral de como se comporta aquilo, né. E eu lembro que eu saí de lá provocado, assim, pensando muito nisso, né, e aí eu acho que uma semana depois, eu estava atendendo alguém, é... atendendo no consultório assim, aí eu me lembrei daquela conversa e pensei: “pô, mas, peraí, mano, eu não tenho esse poder de dizer que o cara é tal coisa se ele está me falando que é outra”. (Dourado, psiquiatra).

Dourado afirma que o médico, a partir de sua formação de base, alcança “uma ideia geral” do que são os fenômenos e que, de modo amplo, o “médico não vê isso”, referindo-se a questões mais singulares e individuais de cada paciente. Mortari (2003) afirma que os diferentes profissionais guardam consigo um saber comum da classe profissional, que contribui para uma economia do pensamento necessária para que o profissional não se perca em uma grande problematização de suas ações e incorra no risco de tornar-se imóvel diante do próprio fazer, tendo em vista a complexidade presente em cada situação singular. Desse modo, algumas conceitualizações generalistas da experiência, as ideias gerais sobre algo, guardam em si um valor, pois contribuem para a nomeação de algumas experiências gerais. Contudo, a adesão desmedida ao saber previamente dado, a “uma ideia geral” do que a coisa é, e o distanciamento da responsabilidade de exercitar a reflexão em busca do sentido das coisas em particular, pode culminar no confinamento do pensamento a preconceitos e a intervenções antecipadas à experiência, incorrendo em prejuízos.

Dourado, ao se ver provocado pela necessidade de considerar a experiência singular de seu paciente, originada a partir de uma das aulas do curso, se vê convidado a modificar o seu modo de estar em relação com o próprio paciente: “eu não tenho esse poder de dizer que o cara é tal coisa, se ele está me falando que é outra”, indicando repercussões práticas da FCGCSM em sua atuação profissional. Este

modo de estar em relação com os fenômenos, mais aberto, disponível e atento, parece abrir espaço para a consideração da complexidade e potencialidade da experiência da relação eu-tu (o outro como alteridade), onde o “eu”, necessitado de compreender e dar sentido a sua própria existência, só pode fazê-lo em referência a um tu que o acolha:

Na atitude eu-tu, a pessoa entra em relação, deixa-se impactar, deixa-se atravessar pela presença viva do outro, seja este outro uma pessoa, uma situação, uma obra ou um ente qualquer. Há nesse instante uma dimensão intensiva, não mensurável ou redutível à temporalidade, espacialidade e questões objetivas. O mundo do tu não tem coerência no espaço e tempo: é um campo de forças, de presença, de vitalidade. Não pode ser apreendido ou aprisionado em representações: sempre escapa. Não se reduz à percepção: é intenso, vivo, pulsante. Sempre ressurge diferentemente, em contínua transformação. (Luczinski & Ancona-Lopez, 2010, p. 78).

Tais considerações indicam que a perspectiva da FCGCSM favorece e intensifica o comprometimento com a aprendizagem em meios aos diferentes acontecimentos e modos de relações interpessoais-comunitárias, em um percurso que acolhe as experiências a fim de que as mesmas funcionem como base de exploração de sentidos e significados, que são reveladoras do ser. Este modo de produzir conhecimento, levando em conta a experiência vivida, conecta-se com o que Mortari (2003) aponta ser o modo justo de valorizar a capacidade reflexiva dos estudantes - sem anular seu conhecimento tácito -, uma vez que este modo vivencial e teórico de produzir conhecimento tende a superar o saber preconcebido diante dos fenômenos que se mostram e permite ao profissional sair de uma posição de pensar a partir de um senso comum automatizada para uma posição de pensar com sentido, implicando-o no reconhecimento de si mesmo e do outro nos contextos em que se encontra a atuar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ao buscar analisar as vivências presentes na Formação de Coordenadores do Grupo Comunitário de Saúde Mental, enriquece a compreensão sobre a aplicabilidade de novas metodologias de ensino-aprendizagem e formação pessoal-profissional para o desenvolvimento de trabalhos com grupos no campo da saúde mental, sobretudo no que se refere à consideração da experiência em meio às práticas formativas.

Larrosa (2017) afirma que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (p. 33);, assim, torna-se não apenas fundamental, mas necessário (re) aproximar o campo da formação profissional ao campo da experiência, tendo em vista a potencialidade desse âmbito existencial para a estruturação de sentidos de si mesmo e do próprio agir. O autor, valendo-se das contribuições de Heidegger, entende que “fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo” (Larrosa, 2017, p. 27). No contexto da FCGCSM, a valorização da experiência permitiu aos estudantes a possibilidade de acolherem em suas vidas os diferentes acontecimentos que lhe chegavam de um modo não pré-concebido, ofertando-lhes, assim, oportunidades de encontros, revisões e transformações.

Um dos limites do presente estudo foi o enfoque restrito na perspectiva dos estudantes que concluíram o curso, sem abordar outros participantes da FCGCSM, como os facilitadores do curso ou os usuários das práticas grupais em saúde mental, o que aponta a necessidade de novos estudos. Ainda assim, no conjunto de relatos analisados foi possível compreender que a consideração da experiência na FCGCSM favoreceu a revitalização da vida reflexiva e contemplativa, o que viabilizou ao corpo discente sair de uma posição de reatividade aos acontecimentos para adentrar possibilidades de ser e estar no trabalho com maior atenção ao cotidiano, aos acontecimentos e aos encontros, elaborando-os e percebendo-os de modo próprio, com maior sentido. No âmbito da atuação profissional, esse tipo de postura contribuiu para o desenvolvimento de práticas humanizadas que levam em consideração a existência singular do outro e as particularidades de cada acontecimento/situação. Além disso, a consideração da experiência também possibilitou aos coordenadores em formação se reconhecerem

como *pessoas*, feito que viabilizou a assunção de interações mais horizontais, abertas, interessadas e disponíveis em meio aos processos grupais vividos.

Desse modo, a partir dos elementos analisados e discutidos, considera-se que a abordagem da experiência na FCGCSM se configurou como um potencial recurso formativo, existencial e de sentido com implicações para os estudantes, com contribuições para o reconhecimento e compreensão de si mesmos e dos acontecimentos que se dão no cotidiano. Os atravessamentos da experiência na vida pessoal e profissional culminaram em um agir mais refletido e implicado. Somado a isso, a experiência favoreceu o processo de ensino-aprendizagem ao preenchê-lo de sentido. Desse modo, concluímos que com a centralidade da consideração da experiência vivida neste curso, as possibilidades de ser profissional foram conectadas à qualidade de ser pessoa, o que oportunizou uma maior abertura relacional.

REFERÊNCIAS

- Amarante, P., & Nunes, M. O. (2018). A reforma psiquiátrica no sus e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 2067-2074. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>
- Barreira, C. R. A. (2017). Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: Recursos operacionais para a pesquisa empírica. In M. Mahfoud, & J. F. Savian (Orgs.), *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, psicologia, educação* (pp. 317-368). Paulus.
- Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: A entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud, & M. Massimi (Eds.), *Edith Stein e a psicologia: Teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Artesã.
- Brasil. Ministério da Saúde. (1986). *8ª Conferência Nacional de Saúde*. Ministério da Saúde. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf
- Brasil. Ministério da Saúde. Comissão Organizadora da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial. (2010). *Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial*. Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_final_4_conferencia_saude_mental.pdf
- Delgado, P. (2020). Voltando ao começo: Desvelando os bastidores políticos da Lei Paulo Delgado. *Saúde Em Debate*, 44(spe3), 9–14. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E303>
- Frateschi, M. S., & Cardoso, C. L. (2023). O desafio de cuidar no território: Ampliando o olhar sobre as necessidades em saúde mental. In C. L. Cardoso, K. A. Casarini, N. H. L. P. da Silva, & B. C. Pinheiro (Eds.), *Saberes e Práticas em Psicologia da Saúde: Cuidado e Intersubjetividade* (1st ed., vol. 1, pp. 187-210). Pedro & João Editores.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim de Século.
- Husserl, E. (2006). *A ideia da fenomenologia*. Edições 70. (Trabalho original publicado em 1958).
- Ishara, S., & Cardoso, C. L. (2013). Delineamento do Grupo Comunitário de Saúde Mental. In S. Ishara, C. L. Cardoso, & S. R. Loureiro (Orgs.), *Grupo Comunitário de Saúde Mental: Conceito, delineamento metodológico e estudos* (pp. 19-40). Nova Enfim Editora.
- Ishara, S., Cardoso, C. L., & Loureiro, S. R. (2013). *Grupo Comunitário de Saúde Mental: Conceito, Delineamento metodológico e Estudos*. Nova Enfim Editora.
- Larrosa, J. (2017). *Tremores: Escritos sobre experiência* (C. Antunes & J. W. Geraldí, trad.). Autêntica Editora.

- Luczinski, G. F., & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: O encontro na clínica. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 27(1), 75–82. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100009>
- Minaré, N. F., & Cardoso, C. L. (2023). Experiências de participação regular continuada no Grupo Comunitário de Saúde Mental. In C. L. Cardoso, K. A. Casarini, N. H. L. P. da Silva, & B. C. Pinheiro (Eds.), *Saberes e Práticas em Psicologia da Saúde: Cuidado e Intersubjetividade* (vol. 1, pp. 47-68). Pedro & João Editores.
- Mortari, L. (2003). *Apprendere dall'esperienza: Il pensare riflessivo nella formazione* (23a ristampa nel 2023). Carocci.
- Mortari, L. (2006). *La riflessività nella formazione*. In A. Agosti (a cura di), *La formazione. Interpretazioni pedagogiche e indicazioni operative* (pp. 163-182). Franco Angeli
- Mortari, L. (2022). *Fenomenologia Empirica*. Il Melangolo.
- Pinheiro, B. C. (2017). *Grupo Comunitário de Saúde Mental: Formação de Recursos Humanos* (Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo). <https://doi.org/10.11606/D.59.2018.tde-20032018-132235>
- Pinheiro, B. C., & Cardoso, C. L. (2023). Desafios e potencialidades da formação profissional em Saúde Mental: uma experiência com o Grupo Comunitário de Saúde Mental. In C. L. Cardoso, K. A. Casarini, N. H. L. P. da Silva, & B. C. Pinheiro (Eds.), *Saberes e Práticas em Psicologia da Saúde: Cuidado e Intersubjetividade* (1st ed., vol. 1, pp. 17-46). Pedro & João Editores.
- Prado, A. P. C. (2022). *Compreensão fenomenológica de um programa de promoção de saúde mental: O grupo comunitário de saúde mental* (Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo). <https://doi.org/10.11606/T.59.2022.tde-15062022-071725>
- Rasera, E. F. R., & Godoy, R. M. (2010). Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 35-44. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000100005>
- Rocha, R. M G., & Cardoso, C. L. (2017). A Experiência Fenomenológica e o Trabalho em Grupo na Saúde Mental. *Psicologia & Sociedade*, 29, e165053. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29165053>
- Rocha, R. M. G. (2015). *Análise Compreensiva de uma nova modalidade de trabalho em saúde: O Grupo Comunitário de Saúde Mental* (Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo). <https://doi.org/10.11606/T.59.2016.tde-08122015-161052>
- Rocha, R. M. G., & Cardoso, C. L. (2023). A inspiração fenomenológica para a pesquisa em Psicologia. *Psicologia em Pesquisa (UFJF)*, 17, e35847, 1-23.
- Sousa, J. M., Farinha, M. G., Caixeta, C. C., do Vale, R. R. M., Pinho, E. S., Nunes, F. C., & Esperidião, E. (2023). Prática de coordenação de grupos na atenção psicossocial: Experiências de profissionais. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 16(10), 21929–21946. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.10-192>
- Stein, E. (1999). *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica* (A. A. Bello, org., A. M. Pezella, trad.). Città Nuova. (Trabalho original publicado em 1922)

Stein, E. (2003). Estructura de la persona humana. In F. J. Sancho, & J. Urkiza (Orgs.), *Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos – Magisterio de vida cristiana, 1926-1933* (v. IV, pp. 553-749). Editorial de Espiritualidad; Editorial Monte Carmelo; Ediciones El Carmen. (Trabalho original publicado em 1932).

World Health Organization. (2021). *Comprehensive mental health action plan 2013–2030*. World Health Organization. <https://iris.who.int/handle/10665/345301>. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autor 1 – Coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

Autor 2 – Coordenadora do projeto, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo financiamento público a esta pesquisa.

COMPROVANTE DE SUBMISSÃO ABAIXO

11/06/2024, 19:16

Gmail - [edur] Agradecimento pela submissão



Danillo Lisboa <lisboadanillo@gmail.com>

[edur] Agradecimento pela submissão

1 mensagem

Suzana dos Santos Gomes, Josiane Pereira Torres e Eucídio Pimenta Arruda (editores) 11 de junho de 2024 às
<revista@ufmg.br> 19:12
Para: Danillo Lisboa <lisboadanillo@gmail.com>

Danillo Lisboa:

Obrigado por submeter o manuscrito, "A CENTRALIDADE DA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE COORDENADORES DO GRUPO COMUNITÁRIO DE SAÚDE MENTAL" ao periódico Educação em Revista . Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/authorDashboard/submission/52967>

Usuário: dan-123456

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Comissão Editorial de Educação em Revista

Atenciosamente,

Comissão Editorial de Educação em Revista.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.